

OS USOS DA UNIDADE LEXICAL INTELIGÊNCIA NAS PÁGINAS DA GAZETA DE LISBOA

Mariana Giacomini Botta (FCLAr/UNESP)
marianabotta@gmail.com

1. Introdução

A história da Europa no século XVIII foi marcada por guerras e revoluções políticas e sociais que possibilitaram o início da configuração do mundo como se conhece hoje. Ao mesmo tempo, a popularização da imprensa, com a publicação de gazetas em diversas localidades, ampliou o acesso às notícias sobre as relações entre os governos. Na *Gazeta de Lisboa*, primeiro jornal impresso em língua portuguesa, lançado em 1715, eram relatados os acontecimentos _principalmente políticos e militares – de toda a Europa e Ásia, mas também das colônias na África e na América.

Uma das principais características do vocabulário desta publicação é o emprego da unidade lexical *inteligência*, ora como sinônimo de entendimento, compreensão, ora designando o estado de concordância entre duas partes.

Para o falante da língua portuguesa contemporânea, o significado de *inteligência* está ligado à faculdade de apreender, aprender, entender, pensar ou raciocinar; à capacidade de entendimento, compreensão. O objetivo desta pesquisa é verificar as formas de emprego e os sentidos da unidade lexical *inteligência* nos textos informativos da *Gazeta de Lisboa*.

O léxico, acervo dos lexemas de uma língua, do conjunto das palavras e suas definições, é a parte da língua que configura a realidade extralinguística e arquiva os saberes de uma comunidade. “O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo” (VILELA, 1994, p. 6). Portanto, dentre os vários aspectos da linguagem que podem ser estudados em uma sociedade, o léxico é o que evidencia de forma mais plena as mudanças linguísticas e sociais. Apreender o funcionamento de um vocabulário implica levar em consideração o uso que se faz das unidades da língua. Conforme afirma Mortureux (1997, p. 48), não se

deve procurar o sentido, mas o uso, pois o léxico implica um reconhecimento coletivo.

Por tratar de um conhecimento e de uma prática compartilhados pelos falantes, a lexicologia deve “fornecer os pressupostos teóricos e traçar as grandes linhas que coordenam o léxico de uma língua” (VILELA, 1994, p. 10). Como o léxico não é uma lista de exceções, ele apresenta estruturas lexicais e relações que lhe conferem sistematicidade. O essencial desta sistematicidade provém das relações paradigmáticas e sintagmáticas, que podem ser estudadas tanto com ênfase na forma quanto no conteúdo.

Por se centrar no estudo do conteúdo, opta-se por uma lexicologia em perspectiva discursiva, em que o significado da palavra não é centralizado nela mesma, mas resulta das suas interações no intradiscurso. Assim, trabalha-se com a noção de cotexto, o conjunto formado pelas unidades que estão no entorno da palavra (VENIARD, 2007, p. 134).

2. *Dados para análise*

No *corpus* da *Gazeta de Lisboa*, que reúne 99 edições do jornal entre 1715 e 1810, a unidade *inteligência* é usada com os seguintes significados:

2.1. Estado de concordância entre duas partes (ter boas ou más relações com):

(1) Por estes meyoys se tem posto hum fundamento para apartar todas as precedentes antipathias, e mas *intelligencias* entre os reynos da grã brentanha, e hespanha [...]. (GDL, 09/03/1730)

(2) Dizem que em consequencia do restabelecimento da boa *intelligencia* entre as duas cortes imperiaes esta ajustado fazerem todos os esforços, para que a campanha do anno que vem seja a ultima desta guerra. (GDL, 04/02/1800)

(3) [...] sua alt. eleit. esta inclinado mais que nunca a entreter huma perfeita *intelligencia*, e amizade com a augusta casa de Áustria [...]. (GDL, 19/02/1750)

2.2. Conversa ou acordo secretos/conluio

(4) [...] se recea que os seus parciaes em escocia, tenham alguma *intelligencia* com os malcontentes de inglaterra. (GDL, 02/11/1715)

(5) [...] segundo as *intelligencias*, que esta Corte entretem naquelle Paiz, marcha elle por cabeça de hum poderoso Exercito a conquistar Meca. (GDL, 17/03/1740)

2.3. Capacidade intelectual

(6) [...] tendo-se distinguido muito pela *intelligencia*, e valor com que executou aquella perigosa sortida [...]. (GDL, 06/01/1795)

(7) Deseja-se hum sujeito, que tenha *intelligencia*, e as mais qualidades precisas, para se lhe confiar o arranjamto do cartório [...]. (GDL, 07/02/1800)

O que chama a atenção é que o uso mais frequente da unidade nos textos desse jornal é com o sentido descrito na acepção A. Levanta-se a hipótese de que a acepção acordo/relação entre duas partes seja própria da linguagem política/militar, tema preferencial do jornal estudado, o que indicaria uma especialização léxico-semântica da unidade.

3. Estudo sincrónico

O estudo dos usos da unidade lexical *inteligência* em obras escritas e publicadas na mesma época da *Gazeta de Lisboa* visa observar se os empregos encontrados neste jornal também ocorriam em outros tipos de discursos. Para esta análise, utilizam-se as definições lexicográficas de duas obras: o *Vocabulario Portuguez & Latino: aulico, anatomico, architectonico...*, de Raphael Bluteau (1712-1728) e o *Diccionario da Lingua Portugueza*, de Antonio Moraes Silva (1813). É feita também a verificação das ocorrências desta unidade em outros *corpora*: o site *Corpus do Português* e o *Corpus do DHPB*¹.

¹ Dicionário Histórico do Português do Brasil (séculos XVI, XVII e XVIII). Projeto coordenado pela Profª Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa, que criou um banco de dados constituído de documentos dos séculos XVI, XVII e XVIII produzidos no Brasil ou sobre o Brasil por

Nos dicionários de Bluteau e de Moraes há o registro da unidade *inteligência* com os sentidos “faculdade intelectual; correspondência secreta”. Não é citado o sentido “relação entre”, acepção mais frequente no *corpus* estudado.

No site *Corpus do Português*, numa pesquisa sobre as ocorrências de *inteligência* entre os séculos XIV e XIX, encontra-se, entre outras, as seguintes ocorrências:

3.1. Concordância entre duas partes

(8) [...] para que, por virtude de vossa diligencia, e *inteligencia*, com amigos, e parentes, q no Reyno tendes [...]. (Epanaphora política primeira, Francisco Manuel de Melo, 1637).

3.2. Sentido de ser bem relacionado, ter conhecidos

(9) E porque lhes disse que tinha trato e *inteligencia* na Vila, para nos dentro receberem [...]. (Cronica de D. Afonso Henriques, Duarte Galvão, 1500-1525).

3.3. Compreensão, aprendizado

(10) Na Sintaxe, separei as Regras, que servem para a *Inteligencia* da lingua, das Observaoens, que servem para a Latinidade, ou Compozisam. (Introdução à Gramatica latina, Verney, 1875).

3.4. Conhecimento

(11) [...] veremos que é grandissimamente necessario ao pintor a *inteligencia* da physiognomonica, ou filosomia [...]. (Da Pintura Antiga, Francisco de Holanda, 1561).

portugueses já aqui radicados durante o período colonial, que visa a produção de um dicionário que registra as unidades lexicais que vieram formar o vocabulário do português do Brasil.

3.5. Como essência espiritual

(12) [...] se conta como lhe deu o Senhor Deus *inteligencia* de visões e como lhe foy revellado o Senhor de Nabucadenasor [...]. (Corte Enperial, de Adelino Calado, séculos XIV e XV).

Resultado próximo é obtido ao se verificar os empregos da unidade *inteligência* no *corpus* do DHPB:

3.6. Relações políticas e diplomáticas/ concordância entre duas partes

(13) [...] nem depois ainda d'elle cessam de levar avante as suas injustas pretensões, e de perturbar a paz e a boa *intelligencia* de ambas as Corôas? (Alexandre Rodrigues Ferreira, 1792).

(14) Concorre tambem presentemente para mais os facilitar a boa *intelligencia* em que estão os Carajás, que até promettem auxiliar com Indios [...]. (Joaquim Maria Nascentes de Azambuja, 1797).

3.7. Sentido de correspondência secreta

(15) Ontem me escreveu Jerónimo Nunes que estava preso Genaro Aneze, e que se havia descoberto uma *inteligencia* que lá tinham os franceses [...]. (Antonio Vieira, 1648).

(16) Não posso capacitar-me que D. João de Alencastro ignorasse aquella ordem, tendo-lhe sido dirigida; mas julgo que lhe deu diferente *inteligencia* [...]. (Marquez de Aguiar, 1795).

3.8. Capacidade intelectual

(17) [...] David, porque além de grande musico, era mancebo muito valente, de grande *intelligencia* nas materias de guerra [...]. (Antonio Vieira, 1634).

3.9. Sentido de compreensão, entendimento

(18) [...] em q̃ V. A. R. por se ter verificado na Sua Real Prezença a má *intelligencia*, q̃ elle deo á Carta Regia de 19 de Agt. de 1799 [...]. (Antonio Joze de Franca e Horta, 1803)

4. Estudo diacrônico

Nesta seção, realiza-se a análise das definições dadas à unidade lexical *inteligência* em dicionários de língua portuguesa e das ocorrências em textos jornalísticos contemporâneos. No *Dicionário Aurélio* há apenas uma entrada da unidade, com três acepções: “1. faculdade ou capacidade de aprender, apreender, compreender ou adaptar-se facilmente; intelecto, intelectualidade. 2. destreza mental; agudeza, perspicácia. 3. pessoa inteligente”.

No *Dicionário Houaiss* há a separação em duas entradas, a primeira como “faculdade de conhecer, compreender e aprender”, na qual a oitava acepção é “harmonia, entendimento recíproco”, e a de número 9, “acordo ou combinação secretos; maquinação, conluio”. Na segunda entrada, *inteligência* é definida como “serviço de informações”. O *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* também registra duas entradas: a primeira para a faculdade de aprender, em que aparece a acepção “informações, especialmente de natureza militar”; e a segunda, “serviço secreto”.

Em textos atuais da imprensa brasileira, vê-se que estas são as duas acepções mais usuais da palavra:

(19) [...] visando uma grande abertura social e uma melhor avaliação da *inteligência* dos jovens. (FSP, 12/07/2010).

(20) Devido a falhas na coleta de *inteligência*, diz a investigação, militares que abordaram o navio turco Mavi Marmara [...]. (FSP, 13/07/2010).

(21) A decisão, disse, foi tomada após constatar que sua vida corria perigo diante da ação de "organismos de *inteligência* do Estado". (FSP, 07/07/2010).

5. Análise dos dados

Nos dicionários da mesma época da *Gazeta de Lisboa*, a unidade lexical *inteligência* é definida pelos traços [+espíritual] [+intelectual] [+conversa secreta]. Estes dois últimos traços, embora não de maneira equilibrada no que diz respeito ao número de ocorrências, são atualizados nos textos do jornal. O uso mais frequente no *corpus*, com o sentido de “estado de concordância entre/ relação entre”, não aparece nos dicionários daquela época.

Este uso, porém, é registrado no dicionário francês *Le Littré*² (1863), que reflete o estado da língua francesa clássica, entre os séculos XVII e XIX, da seguinte maneira: “estar em boa ou má inteligência com alguém, ter com ele boas ou más relações”³. Uma definição bastante próxima aparece no *Dictionnaire de L'Académie Française* (6ª edição, 1832-5): “amizade recíproca, acordo, união de sentimentos” (tradução nossa)⁴.

Observa-se também que na *Gazeta de Lisboa* a unidade *entendimento* concorre com *inteligência* no sentido de “capacidade mental, compreensão”, como pode ser visto em:

(22) [...] a princesa catherina dolboruckki, dotada de muyta fermosura, *entendimento*, e sezudeza [...]. (GDL, 09/02/1730).

Além desta alternância de usos entre *inteligência* e *entendimento*, observa-se que outras duas unidades, *amizade* e *harmonia*, também são empregadas na *Gazeta de Lisboa* com sentido muito próximo a um dos usos que se faz de *inteligência*, podendo em alguns casos serem consideradas como parassinônimas, ou seja, são unidades que podem ser substituídas uma pela outra em grande parte dos contextos. Nestes casos, as unidades *harmonia* e *amizade* tratam da *relação de entendimento* entre duas nações e é nestes contextos que se mostram presentes os traços de significação entendimento e concordância. No caso da unidade *harmonia*, é expressa também a ideia de *boa entendimento* entre dois reinos:

(23) [...] tem algumas preposições de grande importancia que fazer para estabelecer hua perfeita **harmonia** de amizade entre as duas Coroas Imperial, & Franceza. (GDL, 12/10/1715).

Na verificação das acepções nos dicionários da época da *Gazeta de Lisboa*, a unidade *harmonia* apresenta a ideia de proporção/simetria e de boa paz e amizade. O *Dicionário Houaiss* cita: “ausência de conflitos, paz, concórdia”. Para a unidade *amizade*, os dicionários de Bluteau e Moraes apenas citam “sentimento de amor e

² Logiciel « Dictionnaire le Littré » par Murielle Descerisiers. Disponível em: <<http://dictionnaire-le-littré.googlecode.com/>>.

³ «Être en bonne, en mauvaise intelligence avec quelqu'un, avoir avec lui de bonnes, de mauvaises relations».

⁴ Do original: «Amitié réciproque, accord, union de sentiments».

benevolência entre duas pessoas”. No Houaiss figura a definição “concordância, pacto, aliança”.

Além de indicar os traços de significação comuns às três unidades, a análise de obras lexicográficas revela algo mais relevante: para as três é citado pelo *Dicionário Houaiss* como antônimo a unidade *desinteligência*, que não foi encontrada no *corpus*. Ao verificarmos *desinteligência* nos dicionários atuais, encontramos “discrepância entre pontos de vista, desacordo, desentendimento, falta de amizade, hostilidade”, exatamente o contrário do sentido encontrado nos textos da *Gazeta de Lisboa*.

Outro fato que chama a atenção é que as três unidades são mais frequentemente empregadas na *Gazeta de Lisboa* acompanhadas de adjetivos, como *boa, má, perfeita, mútua*. Acompanhada por *boa* e *má* a unidade *inteligência* forma um expressões fixas, como as citadas no dicionário *Le Littré*.

As seguintes ocorrências do *corpus* da *Gazeta de Lisboa* ilustram o que se acaba de afirmar:

(24) Parece que se aumenta todos os dias a boa *inteligencia* entre a imperatriz rainha, e o rey de prussia, e muitos entendem, que dentro de pouco tempo chegara a boa *harmonia* a hum ponto, onde nunca esteve em nenhum dos reinados precedentes [...]. (GDL, 19/02/1750).

(25) [...] não se pode duvidar de nenhuma maneira que pela fiel execução dos nossos reciprocos empenhos se não estabeleça, e lancem alicerces mais fortes que nunca de hua *amizade* perfeita entre as duas nações [...]. (GDL, 9/03/1730).

(26) Sua alt. eleit. esta inclinado mais que nunca a entreter huma perfeita *inteligencia*, e *amizade* com a augusta casa de austria [...]. (GDL, 19/02/1750).

Além das relações de significação entre estas palavras encontradas na *Gazeta de Lisboa*, as unidades que são empregadas em seus entornos podem fornecer mais dados sobre seus usos.

Sabe-se que o funcionamento de uma estrutura linguística não obedece exclusivamente a fatores da ordem da língua, mas à conjunção entre o que é da língua e o que é da formação discursiva. Este fato leva à necessidade da realização de um estudo lexical em perspectiva discursiva, pois o elemento ideológico e cultural assinala-se a

cada manifestação discursiva concreta e, desta forma, o sentido não pode depender exclusivamente do linguístico.

6. *Estudo do léxico em perspectiva discursiva*

A relação entre língua e discurso é estreita, pois a língua é o suporte para a manifestação do discurso pelo sujeito. Um dos fatores das diferenças de sentidos é a historicidade dos sujeitos, que atua na relação que se dá entre o intradiscurso, ou seja, o nível da sequencialização do discurso pelo sujeito enunciador, e o interdiscurso, lugar dos sentidos construídos por outros sujeitos em outros momentos, mas que retornam, suscitados pelas palavras usadas nas enunciações. O intradiscurso é, então, o nível da formulação, que se diferencia do nível da enunciação, que é o interdiscurso. O intradiscurso é o “discurso como estrutura” e compreende a descrição e os efeitos que as marcas léxico-sintáticas operam na sequência discursiva.

A metodologia de análise do intradiscurso é baseada na noção de cotexto, conjunto formado pelos elementos que estão no entorno de uma palavra e que revela as práticas sociais e linguísticas associadas a ela, pois este deixa transparecer as associações lexicais preferenciais. Ver a palavra em discurso implica analisá-la na cadeia sintagmática e supõe um ato de enunciação de um sujeito. A análise da palavra em discurso permite abordar a palavra na língua, pois a significação é um processo de sedimentação do sentido, e esta acontece por meio de regularidades contextuais que acompanham as palavras nos textos.

Nos estudos lexicais, observa-se que certas práticas e associações no ambiente léxico-sintático das unidades parecem ser mais recorrentes que outras, e algumas destas práticas e associações são constituintes dos significados das palavras. Assim, há sempre a possibilidade de uma tendência de especialização léxico-semântica da palavra, que pode ser verificada por meio das coocorrências.

Considera-se, então, cotexto como o conjunto de elementos linguísticos sintáticos, lexicais, morfológicos e fonológicos que regem a formação dos sintagmas, permitem ou impedem a substituição no paradigma e limitam e/ou restringem a utilização dos lexemas dentro dos diferentes contextos, por meio das regras impostas pelo

sistema estruturado da língua, com a finalidade de atingir a função comunicativa da linguagem.

7. *Análise no intradiscurso – cotexto*

Considera-se nesta parte da análise apenas as acepções 1 (estado da relação entre duas partes) e 2 (correspondência secreta) das ocorrências da unidade *inteligência* na *Gazeta de Lisboa*, por serem as de maior ocorrência no *corpus*.

A primeira acepção tem 14 ocorrências no *corpus*. O estudo do cotexto desta unidade apresenta os seguintes dados:

- Há a recorrência da ideia de acerto, estabelecimento e manutenção, com as coocorrências dos verbos *ajustar*, *conservar*, *entretar*, *restabelecer* e *estabelecer*;
- Os sintagmas *boa / má / perfeita / mútua inteligência* são seguidos pelas preposições *entre* ou *com*;
- Com relação aos elementos nominais, podem ser observadas recorrências das unidades *embaixador* e *ministro* (os responsáveis pelas relações entre duas nações), de *corte* (10 ocorrências) e das unidades *guerra*, *paz*, *tratado*, *harmonia* e *amizade*, referentes a ações diplomáticas.

A segunda acepção tem oito ocorrências no *corpus*, e no seu entorno, observa-se que:

- A unidade forma o sintagma verbal *ter inteligência com/na*;
- Há recorrências de verbos de ações discursivas, como *ameaçar*, *assegurar*, *mandar*, *persuadir*;
- Há coocorrências da terminologia militar: *exército*, *guerra*, *inimigo*, *tropa*, *tratado* e *soldado*;
- Aparecem recorrências das unidades *perigo / proteção*;
- Há a repetição da ideia de revolta: *rebelde*, *rebelião*, *revolução*, *tumulto*.

8. Conclusão

Nos textos da *Gazeta de Lisboa*, a unidade *inteligência* aparece prioritariamente em dois tipos de sintagma. O primeiro é formado por verbos como *estabelecer, restabelecer, entreter, manter e conservar + adjetivo + inteligência + com/entre*, e neste caso, a unidade tem o sentido de relação entre dois lados, o que é expresso tanto pelos verbos quanto pelas preposições (que dão a ideia de reciprocidade). O segundo sintagma, *ter inteligência com/na*, expressa a ideia de conversa, correspondência de informações secretas.

Apenas o segundo sentido está registrado nos dicionários da língua portuguesa da época da publicação. A primeira acepção é registrada por dicionários franceses do século XIX, o que mostra que o uso deste sintagma não era exclusivo da língua portuguesa da época. Além disso, pode-se relacionar o sentido deste segundo sintagma com o início das atividades dos serviços secretos, que tiveram sua origem nos reinados de Elizabeth I (Inglaterra – 1533-1603) e de Luis XIV (França – 1638-1715). Tal hipótese é confirmada pela não ocorrência desse emprego em textos anteriores a esta época, conforme dados do *Corpus do Português*.

A verificação das ocorrências da unidade em outros textos da mesma época mostra que a unidade *inteligência* com os sentidos destacados acima era mais empregada em contextos políticos, militares e diplomáticos, e que em outros tipos de textos, o uso de *inteligência* era com o significado de faculdade mental do aprendizado, em concorrência com *entendimento*. Observa-se ainda que havia a prática discursiva de, com o sentido “relação entre dois lados”, a unidade *inteligência* integrar o campo associativo de *harmonia* e *amizade*, possível pelo fato de todas estas unidades possuírem o traço semântico [-desinteligência].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.

_____. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: *II Simpó-*

sio Latino-Americano de Terminologia. *I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica*. Anais. Brasília, 1992. Disponível em: <<http://www.riterm.net/actes/2simposio/barbosa2.htm>>.

_____. Relações de significação nas unidades lexicais. In: *Anais do 1º Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1998.

BLUTEAU, R. *Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico* [...]. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. 8 v.

BORBA, F. S. (Org.). *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2004.

BRANCA-ROSOFF, S. Observer et aider : l'écrit des assistantes sociales dans les "demandes d'intervention". (avec Valérie Torre). In : *Recherches sur le français parlé*. Université de Provence, 1993, p. 115-135, n° 12.

_____. (ed.). Le mot, analyse de discours et sciences sociales. In: *Langues et langage*. Aix : Publications de l'Université de Provence, 1998, n°7.

COURTINE, J-J. Analyse du discours politique. In: *Langages*. Préface de Michel Pêcheux. Paris: Larousse, 1981, n° 64.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português – CdP*. (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX), 2006. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>.

DICTIONNAIRE de l'Académie Française. Paris: Imprimerie et Librairie de Firmin Didot Frères, 1835, 6^e ed. Disponível em: <<http://dictionnaires.atilf.fr/dictionnaires/>>.

FERREIRA, A. B. de H. (Ed.). *Novo dicionário eletrônico Aurélio* versão 5.0. CD-ROM. Curitiba: Positivo, 2004, 3^a ed.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. (Ed.). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001.

MESSNER, D. 'Morrer' entre 1715 e 1850: O projecto da 'Gaceta de Lisboa'. In: *Gramática e humanismo*. Actas do Colóquio de Ho-

menagem a Amadeu Torres. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa, 2005. Disponível em: <<http://www.uni-salzburg.at/pls/portal/docs/1/541653.DOC>>.

MORTUREUX, M. F. *La lexicologie entre langue et discours*. Paris: Sedes, 1997 ; Paris: Armand Colin, 2001.

MURAKAWA, C. de A. A. *Corpus do DHPB*: Dicionário histórico do português do Brasil (séc. XVI, XVII e XVIII). Informações em: <<http://www.fclar.unesp.br/poslinpor/Dicionario%20historico.php>>.

SILVA, A. M. *Diccionario da lingua portugueza* - recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

VAN DIJK, T. A. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. Politique, idéologie et discours. In: *Semen* - Catégories pour l'analyse du discours politique. , n° 21, 2006. Disponível em: <<http://semen.revues.org/document1970.html>>. Acesso em: 5 dez. 2008.

VENIARD, M. *La nomination d'un événement dans la presse quotidienne nationale. Une étude sémantique et discursive: la guerre en Afghanistan et le conflit des intermittents dans Le Monde et Le Figaro*. Université Sorbonne Nouvelle – Paris III (UFR de Linguistique et Phonétique Générales et Appliquées). Thèse de doctorat 3^o cycle, dirigée par Sophie Moirand, 1e. Décembre 2007.

VILELA, M. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.